

A Grounded Theory em um estudo sobre a sexualidade na infância

Grounded Theory in a study on sexuality in childhood

Claudionor Renato da Silva*
Maria Ivonete Lins**

Resumo

Grounded Theory (GT) é uma metodologia qualitativa de investigação de cunho indutivo, surgida no debate sociológico estadunidense a partir da obra “The discovery of Grounded Theory”, publicada em 1967. Algumas diferenciações surgiram ao longo dos anos, até à atualidade e, dentre as diferenciações está a abordagem construtivista em Kathy Charmaz. A presente pesquisa utiliza-se da GT construtivista na construção da seguinte problemática: o que mães e mulheres professoras podem e têm a dizer sobre a sexualidade da infância a partir de seus filhos (as) e estudantes, respectivamente? Objetiva-se, no interior da GT e na concepção da GT, indutivamente, se organizar uma breve teorização sobre a sexualidade na infância. Os resultados da pesquisa são a organização de sentenças categoriais amplas, algumas exploradas para o Relatório Final, outras apenas identificadas para investigações futuras e breves memorandos. A teorização central e que subsidia formações continuadas para professores(as) de educação infantil e reuniões com pais e mães giram em torno de três pontos: há um idade “ideal” para se falar em sexualidade e não é na escola da infância; as mães e professoras sabem, veem, admitem a manifestação da sexualidade das crianças, mas negam; as professoras confessam a falta de preparo individual e de cursos de formação para lidar com estas situações com as crianças. O estudo exige novas investigações e problematiza a teorização na indicação da urgência de formação em Educação Sexual para mães, pais e docentes.

Palavras-chave: Grounded Theory. Sexualidade Infantil. Educação Infantil.

* Doutor em Educação Escolar (UNESP/FCLar); Docente no Curso de Pedagogia da Universidade Federal Jatai (UFJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal Jatai, Goiás, Brasil; E-mail: claudionorsil@gmail.com

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Jatai, Goiás, Brasil; E-mail: lvetnet.l@hotmail.com

Abstract

Grounded Theory (GT) is a qualitative research methodology of an inductive nature, which emerged in the American sociological debate from the work “The discovery of Grounded Theory”, published in 1967. Some differentiations have emerged over the years, until today and, among the differences are the constructivist approach in Kathy Charmaz. This research uses the constructivist GT in the construction of the following problem: what can mothers and women teachers say and have about childhood sexuality from their children and students, respectively? The aim is to inductively organize a brief theorization about childhood sexuality within the GT and in the GT's conception. The survey results are the organization of broad categorical sentences, some explored for the Final Report, others only identified for future investigations and brief memos. The central theorization that subsidizes continuous training for teachers of early childhood education and meetings with fathers and mothers revolves around three points: there is an “ideal” age to talk about sexuality and it is not in the childhood school; mothers and teachers know, see, admit the manifestation of children's sexuality, but deny it; teachers confess the lack of individual preparation and training courses to deal with these situations with children. The study demands new investigations and questions the theorization of the indication of the urgency of training in Sexual Education for mothers, fathers and teachers.

Keywords: Grounded Theory. Child Sexuality. Child education.

Introdução

Grounded Theory (GT) é uma metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa que tem como principais referenciais Glaser; Strauss (1967), Strauss; Corbin (1990), Clarke (2003; 2005), Charmaz (2009), Tarozzi (2011) e Clarke, Friese, Washburn (2015).

Pesquisas qualitativas sob esta orientação e planejamento desenvolvem teorias, de modo mais amplo e, teorizações, de modo mais específico, quando em uma de suas abordagens, a construtivista (CHARMAZ, 2009) se busca uma interpretação da realidade dos fenômenos sociais observados ou descritos etnograficamente ou outras metodologias qualitativas.

Se objetiva neste artigo apresentar o uso desta metodologia, pouco utilizada na Educação, numa teorização sobre sexualidade infantil, portanto, de abordagem construtivista (CHARMAZ, 2009; SILVA, 2015; 2019) em que se entrevistam mães e professoras, participantes que, sob o rigor da ética em pesquisa, aceitaram fornecer os dados necessários para a realização da investigação na operacionalidade de uma pesquisa sobre a GT no âmbito de Iniciação em Pesquisa da segunda autora, entre os anos de 2018 e 2019, no interior de um Núcleo de Pesquisa de uma universidade do centro-oeste brasileiro.

O problema de pesquisa na GT traz o desafio de se perguntar, a partir do tema e descritor “sexualidade infantil”, “O que há sobre isto?”; “O que se tem dito sobre isto?”. “O que tem a dizer os professores sobre sua formação em educação sexual?” “O que os pais pensam sobre isso?” “O que a literatura apresenta sobre o tema?” São questões amplas que devem ser vistas sob o olhar indutivo e não dedutivo de pesquisa, como bem explicam, Charmaz (2009) e Silva (2019), no âmbito das práticas investigativas sob a GT.

Segundo a metodologia GT, assim é que nascem essas pesquisas de formatos indutivos: uma pergunta ampla, sem objetivos estritamente estabelecidos, como nas pesquisas dedutivas, isso porque são os dados que dão corpus à teoria, à teorização.

A GT é um tipo de pesquisa indutiva que permite a construção de teorização em um dado tema. Nessa pesquisa aqui apresentada são coletados dados de entrevistas com mães que possuem filhos na escola de educação infantil e professoras atuantes na educação infantil. Procura responder à seguinte pergunta ampla de pesquisa – característica da metodologia GT

Ao falar sobre o tema sexualidade infantil (SILVA, 2015) o desafio de professores e pais/mães são muito grandes, porque, de fato, há um despreparo, de ambas as partes, para tratar as manifestações ou expressões de sexualidade das crianças e isso sem considerar a necessária e urgente inclusão do tema no currículo da escola e em seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Tal desafio, resistência ou “espanto” na atualidade, em relação às expressões de sexualidade infantil são ações e percepções que estiveram presentes na geração de professores e médicos da época de Freud nos anos entre 1910 e 1920, quando a psicanálise se apresenta com o tema da sexualidade infantil e afirma que as crianças são sexuadas e essa dimensão não pode ser excluída de sua relação de socialização com adultos e outras crianças.

Por que é tão atual esse sentimento de negação da sexualidade na infância, sobretudo na educação infantil? Algumas explicações são dadas por Silva (2015) e demonstram a relevância deste tema na escola e na família, sobretudo, em tempos de pandemia da COVID-19, as crianças sob vulnerabilidade são as mais “penalizadas” pelo seu “não” direito aos conhecimentos em sexualidade e estão sujeitas a toda forma de violência.

1. O tema da sexualidade humana está ausente no currículo da formação de professores nos cursos de pedagogia, embora conste, como tema nucleado, do qual não pode escapar. 2. Os professores ainda se espantam ao se depararem na escola com atitudes sexualizadas das crianças. 3. Os professores resistem tratar da temática da sexualidade infantil apontando em seus discursos para o deslocamento da “tarefa” no espaço escolar, aos profissionais da saúde e, em última instância, dever da família. 4. As ações de formação continuada ou de pesquisas são muito pontuais, somente para cumprimento de exigências destes cursos no que se refere a prazos e premiações. E, portanto, temos a inexistência de dados que se preocuparam com efetividades destas ações, após o término destas formações. 5. Um primeiro apontamento de saída para a incompletude é o esclarecimento, logo no início do ano letivo, de que o Projeto Pedagógico desenvolverá a temática da sexualidade; este Projeto divulgado e esclarecido aos pais evita o desgaste nas relações professores, gestores e pais/responsáveis. 6. O segundo apontamento de saída para a incompletude docente será um diagnóstico desta (as) incompletude e quais fatores podem ser alvos de reflexão-ação para que em conjunto, professores(as), pais/responsáveis, gestão e as crianças trabalhem na mesma direção, para se construir uma postura didática no espaço escolar de emancipação sexual, desde a educação infantil. Neste diagnóstico, investir no cotidiano e não em cursos, formações, ou seja, uma nova outra dinâmica, visando uma política de sexualidade que conduza à emancipação dos sujeitos. (SILVA, 2015, p.196-197)

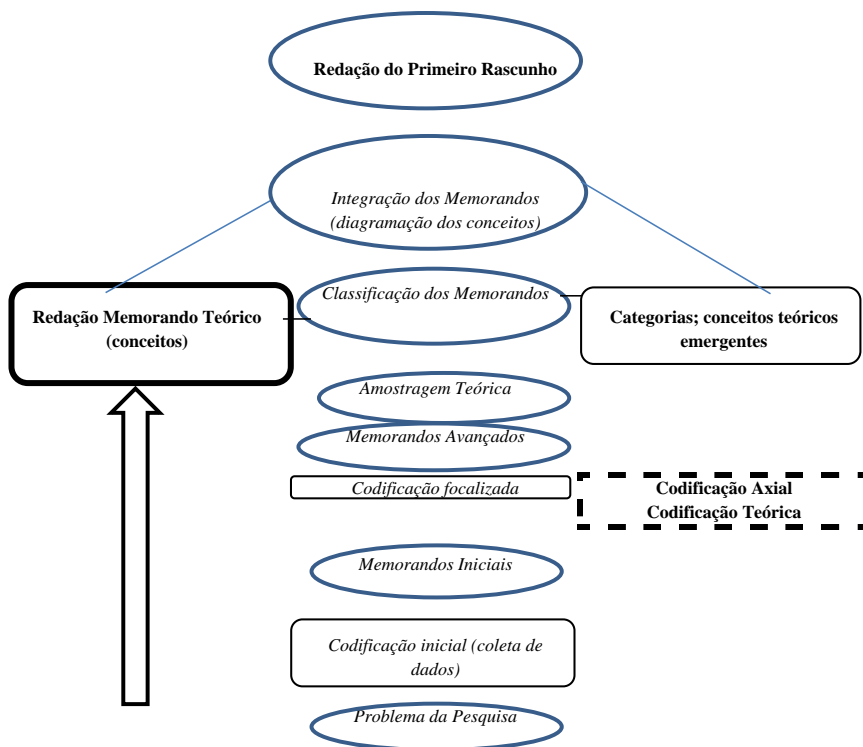
Nos dias atuais, a sexualidade, se configura como uma área de estudos e pesquisas, que não devem ser desconsideradas, mesmo sob a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que, aliás, “lida” com “Direitos”. Defende-se, neste estudo, que Educação Sexual é um

Direito, como apontou Silva (2015) e, que, por isso, deve ser um item dos projetos políticos pedagógicos das unidades escolares da educação básica.

A metodologia GT e os procedimentos da pesquisa

A figura a seguir exemplifica as etapas da GT, segundo Charmaz (2009).

FIGURA 1 – O método construtivista do GT



Fonte: Silva (2019, p. 40).

Entre o problema da pesquisa, a partir da pergunta ampla (e indutiva): “O que está acontecendo aqui?” (CHARMAZ, 2019; GLASER; STRAUSS (1967) – aqui se coletam dados da realidade social, os dados que vão gerar os dados - e a última etapa “Redação do Primeiro Rascunho”, uma pesquisa sob a GT passa pelas etapas da 1) Codificação, 2) redação de Memorandos Iniciais e Avançados que geram categorias, conceitos e são base para a 3) Teorização, em que se lança à etapa da Amostragem Teórica, momento em que a teorização dialoga com a literatura da área em estudo e passa pelo critério avaliativo, no formato de Relatório, utilizando-se dos seguintes elementos que devem ser respondidos pelo

pesquisador(a), o que Charmaz, chama de “critérios”: credibilidade, originalidade, ressonância e utilidade.

Silva (2019) faz algumas alterações terminológicas e também de prática metodológica. Os pontos inicial e final são mesmos, apenas “individualiza” o momento da coleta da dados, após delimitar o tema, construir o problema, na forma de pergunta ampla, bem como, a forma de coletar dados.

Ao contrário de classificar a última etapa como Redação do Primeiro Rascunho, como o faz Charmaz (2009), utiliza o termo Relatório de Teorização (RT).

A codificação é chamada por Silva (2019) de Sentença Categrical Conceitual (SCC), que se organiza em dois momentos: inicial e final. Após cada uma destas construções se têm a redação de memorandos, que são as Unidades Categricais (UC), momento em que se originam categricas e subcategricas.

Têm-se também as Unidades Conceituais Provisórias (UCP) – em substituição ao termo “Memorandos Avançados” de Kathy Charmaz, que são, para Silva (2019) o ponto máximo da teorização pela GT, pois aqui o pesquisador(a) já possui a configuração dos conceitos originados dos dados, por ele(ela) criados(as), ou seja, já está estruturado aqui os componentes teóricos embrionários da pesquisa que serão aprofundados no Relatório final, o RT (Relatório de Teorização).

Na sequência aos Memorandos Avançados o formato proposto por Silva (2019) é o mesmo apresentado por Charmaz (2009): classificação dos Memorandos, refinamento dos conceitos e principais categricas, até à elaboração da Amostragem Teórica, tendo, por último, o Relatório Final.

Na organização de Silva (2019), em síntese, são ampliados os tempos e conteúdos de detalhamento e saturação tanto de dados, como de sentenças e de categricas que irão permitir a emergência de conceitos e memorandos que, na verdade, já é a “corporeidade” da teorização em construção até o Relatório de Teorização que culmina com a avaliação da pesquisa nos critérios credibilidade (a teoria interpretativa elaborada é creditada por seguir o rigor da regra do método), originalidade (nasce de dados da realidade), ressonância (as pessoas, no dia a dia, se identificam na apresentação do Relatório de Teorização) e utilidade (o estudo permite ser aplicável em formações ou para subsidiar debates sobre o tema).

Os procedimentos da pesquisa e as etapas sob a GT utilizadas com base nas proposições de Silva (2019) se iniciam com a pergunta ou a problemática, apresentada na Introdução deste artigo; tem como forma geral, mais ampla: o que mães e professoras têm a dizer sobre a sexualidade das crianças, com quem convivem e educam?

Identificada esta questão se formularam roteiros de perguntas às mães e professoras, seguindo a técnica de entrevista em Marconi; Lakatos (2003).

Foram entrevistadas duas mães e duas professoras de educação infantil; todas escolhidas a partir da vivência da segunda autora junto às mesmas, em suas vivências de estagiária no curso de Pedagogia, de uma universidade no interior do centro-oeste brasileiro. Todas as participantes preencheram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e participaram da pesquisa de Iniciação Científica, gerando um Banco de Dados para o trabalho com a metodologia GT, entre os anos de 2018 e 2019, como já se afirmou.

Os dados da entrevista foram transcritos e foram utilizados sob a operacionalização da GT. As mães e professoras foram selecionadas, a partir de contatos anteriores da autora, como já se afirmou e o critério de inclusão foi o seguinte: mães com filhos(as) na educação

infantil e professoras atuantes na educação infantil. Todas as entrevistadas se deram fora do espaço escolar e as pessoas convidadas a participar da pesquisa seguindo os critérios éticos em pesquisa, numa formato de iniciação científica.

As proposições, colocações, ideias destes sujeitos permitiram a construção da teorização sobre a sexualidade na infância e que são apresentadas a seguir.

Apresentação e discussão dos dados emergentes que geram a teorização

O Quadro 1, a seguir, apresenta as primeiras Sentenças Categoriais Conceituais (SCC) construídas na pesquisa, a partir das entrevistas realizadas.

A codificação IM no Quadro 3, primeira coluna, indica: 1 (Mãe n.º1, ou que foi entrevistada em primeiro lugar); “M”, inicial de mãe. Na terceira coluna, a sequência 1.1, indica: o primeiro número é o grupo de entrevistadas, no caso, mães. O segundo número, após o ponto é a sequência de SCC criadas pelos pesquisadores, seguindo a lógica de codificação proposta por Charmaz (2009). Apresenta-se o Quadro 1.

Quadro 1 – Sentenças Categoriais Conceituais Iniciais: Mãe 1

CODIFICAÇÃO INICIAL	FRAGMENTO DO TEXTO	SENTENÇA CATEGORIAL CONCEITUAL
IM	<p>Bom, em minha opinião, já com seis anos é a idade certa para começar, porque antes disso eles não entendem.</p> <p>È nosso dever de pais falar e observar desde muito cedo, o comportamento dos filhos; faço muitas observações em minha filha e a oriento de acordo com a idade dela.</p> <p>Um certo dia ela me questionou “o que era sexo”, ela tem sete anos de idade, tomei um maior susto com a pergunta, eu questionei onde ela ouviu isso, ela respondeu que foi com uma coleguinha de sala que disse ter visto a mãe dela com o papai fazendo sexo. Nesse momento busquei uma resposta que não sei se foi a mais adequada, disse que era um carinho entre adultos, mas que quando ela crescesse ela iria saber mais, porque era coisa de adulto.</p>	<p>1.1 Os pais não admitem que seus filhos(as) possuem dúvidas sobre sexualidade, antes dos 6 anos, portanto, na educação infantil.</p> <p>1.2 Há uma defesa de que sexualidade é assunto da família, responsabilidade dos pais e se reforça uma idade fixa para se tratar do assunto.</p> <p>1.3 As dúvidas sobre sexualidade anunciadas pelas crianças, sempre geram “sustos”, incômodos aos pais. Eles procuram saber de onde estas dúvidas safram. Se vem da escola, as coisas complicam!</p> <p>1.4 Se reforça a ideia de que sexualidade não é assunto para criança. Há uma idade certa para isso.</p>

Fonte: Elaborado na pesquisa pelos autores.

Os dados que geram as SCC mostram que a grande preocupação das mães é sustentar uma “idade certa” para começar falar de sexualidade. A visão de que a criança é um ser sexuado não está presente nas vozes das mães. “Idade certa para tratar da sexualidade” foi uma das categorias centrais no presente estudo, conforme o Quadro 3 e, de forma implícita, no Quadro 4.

As professoras, mesmo atuando na educação infantil, falam de suas experiências sobre sexualidade infantil apenas no Ensino Fundamental. Para estas, sexualidade no currículo e seu “trato” no dia a dia, mesmo nas evidências da manifestações da sexualidade nas crianças, tem “idade” ou período, no caso, ensino fundamental.

A sexualidade das crianças na educação infantil é negada por mães e professoras, como já havia acontecido na época de Freud, nas primeiras décadas dos anos 1900. Parecem não termos avançado muito na questão, apesar dos muitos estudos sobre a sexualidade humana e, em particular a sexualidade infantil (SILVA, 2015; 2019).

O próximo Quadro, o 2, apresentará os primeiros fragmentos das entrevistas realizadas com professoras. A codificação IP indica a entrevistada com a primeira Professora; na terceira coluna, o número “2” indica o segundo grupo dos dados emergentes que geram a interpretação teórica. Esse segundo grupo são as professoras e, assim, a apresentação do Quadro 2 segue a mesma forma que o Quadro 1 traduz a sequência de SCC construídas a partir dos fragmentos de textos das entrevistas transcritas pelos pesquisadores. Apresenta-se o Quadro 2.

Quadro 2 – Sentenças Categroriais Conceituais Iniciais: Professora 2

CODIFICAÇÃO INICIAL	FRAGMENTO DO TEXTO	SENTENÇA CATEGORIAL CONCEITUAL
1P	É um tema muito importante, porém, muito polêmico, porque sexualidade faz parte da criança e deve ser trabalho em conjunto com a família, mas nem sempre a família apoia, deixando que a criança sinta medo de tudo e tenha vergonha do próprio corpo.	2.1 Admite-se a sexualidade da criança, mas se considera um assunto polêmico.
		2.2 Para tratar de sexualidade, é importante a participação da família, mas nem sempre a família apoia ou considera isso importante.
1P	Eu não tenho problema em falar desse tema até porque as crianças estão descobrindo o seu corpo.	2.3 A professora se diz preparada para o assunto. 2.4 Admite-se o corpo como centro da sexualidade e, portanto, que as crianças, de fato, manifestam sua sexualidade.
1P	[...] no quarto e quinto ano, que hoje eu trabalho as curiosidades nessa idade entre nove dez anos estão afloradas [...]	2.5 Novamente, as questões de sexualidade, na infância, são desconsideradas, mas admite-se que os adolescentes possuem dúvidas/curiosidades.

Fonte: Elaborado na pesquisa pelos autores.

As SCC das mães e das professoras geraram as seguintes UC (Unidades Categroriais), segundo Silva (2019) – Memorandos Iniciais para Kathy Charmaz:

- Idade infantil ideal para falar de sexualidade
- A família e as manifestações em sexualidade de seus filhos
- Falta ou não de preparo dos professores ou Formação de Professores no tema da sexualidade

O Quadro 3 reúne todas as SCC criadas (apresentação na coluna do meio). Apresenta ainda o número de ocorrências, na última coluna. Esta etapa da pesquisa, a criação das UC são também originadas pelos pesquisadores e potencializam os Memorandos Avançados (CHARMAZ, 2009) ou Unidades Conceituais Provisórias (UCP), segundo Silva (2019). Esta etapa é o coração da teorização de uma pesquisa sob a GT. Vejamos o Quadro 3.

Quadro 3 – Unidades Categoriais da pesquisa

NOME DA UNIDADE CATEGORIAL	SENTENÇAS CATEGORIAIS CONCEITUAIS QUE A ORIGINAM	Ocorrências
Idade infantil ideal para falar de sexualidade Palavra-chave: idade	1.1, 1.2, 1.4, 1.8, 1.13, 1.16, 1.21, 1.24, 2.10, 2.40, 2.54	11
A família e as manifestações em sexualidade de seus filhos Palavras-chave: família, mães	1.2;1.3, 1.6, 1.7,1.9, 1.11, 1.14, 1.15, 1.17, 1.19, 1.22, 1.23, 1.26, 1.29-1.32, 2.2, 2.11, 2.27, 2.30, 2.39, 2.48, 2.49, 2.52, 2.55-2.60, 2.65-2.67	34
Falta ou não de preparo dos professores ou <i>Formação de Professores no tema da sexualidade</i> Palavras-chave: (des)preparo de professores	1.5, 2.3, 2.9, 2.15, 2.17-2.22, 2.25, 2.28, 2.31, 2.34, 2.36-2.38, 2.42, 2.44, 2.46, 2.47, 2.50, 2.51, 2.53, 2.63, 2.64.	26

Fonte: Elaborado na pesquisa pelos autores.

A apresentação do número de ocorrências (terceira coluna do Quadro anterior), enriquece a metodologia da GT elaborada por Silva (2019), pois orienta a formatação dos Memorandos e, posterior, teorização. Um exemplo de Memorando escrito a partir da formatação de uma das UC é mostrado a seguir:

Ao falar de sexualidade infantil com a primeira mãe, percebi que ao conversar com ela antes da entrevista, é notável que ela, mesmo com uma formação de nível superior apresenta dificuldade em falar do tema, e mesmo antes da entrevista, ela mostra que se preocupa com o tema, mas deixa claro que tanto na escola como em casa, com a família, há uma dificuldade em falar do assunto. Constata-se que este assunto é pouco discutido, principalmente no que diz respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade da criança. Mesmo ela, me relatando que sua filha estuda desde os três anos de idade em uma escola particular, ainda é muito pouco falado e discutido, o tema sexualidade é um tabu.

As respostas sobre sexualidade vieram através das perguntas para a mãe que representavam minhas preocupações e indagações ao escolher esse tema. E, realmente, algumas coisas que eu imaginei,

estavam ali, diante das respostas da mãe, foram narrativas que foram aparecendo.

A mãe sabe que a criança desde ao nascer já traz consigo a sexualidade, mas, como mãe, nunca presenciou manifestações de sua filha com menos idade, mas hoje, já com sete anos começaram surgir as perguntas que muitas das vezes a deixa sem palavras. Os pais não estão preparados ainda para lidar com algumas perguntas que as crianças chegam em casa, questionando, e, quando surgem as perguntas os pais ficam sem palavras. (Elaborado na pesquisa).

São propostas da Educação Sexual para a infância (SILVA, 2015) se defender a necessidade das crianças adquirirem conhecimentos sobre sexualidade humana; tornar mínimos os riscos de violência e diminuir o grau de vulnerabilidade a que as mesmas estão expostas. Para, além disso, que é muito urgente a temática procura exprimir a necessária educação curricular emancipatória (FURLANI, 2011), de forma ampla, ou seja, com enfoques na cidadania e nos direitos, na democratização dos conhecimentos científicos em Educação Sexual (SILVA, 2020), já que o indivíduo além de um ser biopsicossocial é também sexual – para Silva (2015) o sujeito é um ser “biopsicossexossocial”.

Um Memorando Avançado ou UCP (Unidade Conceitual Provisória) é apresentado a seguir. Tem como título: “Idade ideal para falar de sexualidade infantil”. Como já se afirmou, na UCP já se estrutura o corpus da teorização que emerge dos dados presentes nas entrevistas com as mães e professoras.

Os pais devem ficar atentos às curiosidades que forem surgindo e sempre explicar às crianças levando-as a entender a conversa sobre sexualidade e não se esconder atrás do discurso da idade certa ou possível idade certa para começar a falar sobre sexualidade. O conhecimento tanto dos pais como dos professores deve ser em primeiro, inteirar-se dos estudos sobre sexualidade e não demonstrar preocupação sobre a idade certa para se tratar o assunto, mesmo quando se dá a manifestação da sexualidade. Isso, na verdade, faz com que passe despercebido os desejos e as descobertas desde ao nascer que as crianças trazem consigo.

No decorrer das entrevistas realizadas com mães e professoras é perceptível que há um relato que se fala muito, envolvendo um contexto familiar e, desta forma, são professores culpando pais e pais culpando professores não assumem que estão despreparados e não sabem lidar com situações em casa e na escola.

Os pais sentem-se impotentes diante das manifestações da sexualidade das crianças e com isso delegam muitas vezes essa função a escola, quando não reprimem. Não aceitam falar de sexualidade e, observar, presenciar uma manifestação da criança, as descobertas de seu corpo fazem com que os pais se apavorem diante de algumas perguntas e situações. [...]

Categoria 1: “Idade certa para se falar de Sexualidade com crianças”. Esta categoria exprime que não há uma idade certa para se falar de sexualidade com crianças, uma vez que a sexualidade é inerente ao

humano desde que nasce. A defesa por essa afirmativa é justamente o fato de que as manifestações são visíveis, percebidas pelos pais e professores, mas muitas vezes, quase sempre, negadas. A defesa por uma idade certa revela, sobretudo, o medo dos pais e dos próprios professores em lidar com essa realidade e a resistência de serem tratadas como tema escolar e de educação sexual. (Elaborado na pesquisa).

As três frentes de teorização, apresentadas no Quadro 3, geraram três grandes categorias pela GT e são três conceitos centrais (Quadro 4).

Quadro 4 – Unidades Categóricas

Frentes de Teorização	Categoria	Conceito breve e inicial
Idade ideal para falar de sexualidade infantil	<i>“Idade certa para se falar de Sexualidade com crianças”. Ela exprime que não há uma idade certa para se falar de sexualidade com crianças, uma vez que a sexualidade é inerente ao humano desde que nasce. A defesa por essa afirmativa é justamente o fato de que as manifestações são visíveis, percebidas pelos pais e professores, mas muitas vezes, quase sempre, negadas. A defesa por uma idade certa revela, sobretudo o medo dos pais em lidar com essa realidade e a resistência de serem tratadas como tema escolar e de educação sexual.</i>	Idade certa para processos educativos em sexualidade infantil.
Sexualidade e família	<i>“Sexualidade e Família”. Esta categoria exprime o fato de que a família não admite as manifestações da sexualidade de seus filhos e, os professores, por sua vez, ao falarem da família, afirmam que elas não se importam com a sexualidade dos filhos, pois, não se interessam se quer pela vida escolar deles.</i>	Sexualidade infantil, família e escola: tríade necessária.

A falta de formação professoral em sexualidade infantil	<i>“A falta de formação professoral em sexualidade infantil”. As professoras assumem a falta de formação em sexualidade e apontam a responsabilidade dos cursos de Pedagogia e dos sistemas educacionais em darem pouca ou nenhuma importância ao fato.</i>	Necessidade formativa em sexualidade infantil no curso de Pedagogia.
---	---	--

Fonte: Elaborado na pesquisa pelos autores.

Qual a teorização gerada?

Observa-se atualmente uma escassez de estudos voltados para o papel dos pais na educação sexual das crianças desde a primeira infância, para que estes possam chegar à adolescência segura e consciente de sua maturação sexual e tendo consciência de sua sexualidade.

[...] A família quer achar culpados pelas manifestações de sexualidade de seus filhos(as), porque para eles é mais fácil “culpar” terceiros como responsáveis por certa manifestação. Por diversas falas das famílias envolvidas na pesquisa, as mães, nesse caso, percebem esse distanciamento entre falar de sexualidade e apenas responder o que o filho chega e questiona. Os conflitos podem resultar em desequilíbrio para enfrentar as situações onde pais se sentem impotentes e delegam essa função a terceiros ou simplesmente silenciam-se e silenciam os diálogos.

Ao falar sobre o tema sexualidade infantil o desafio de professores e pais são muito grandes, porque de fato há um despreparo de ambas as partes para trabalhar o tema, a escola deve inserir no PPP, ele deve ter um fator integrador nesse contexto levando a família a ter um pouco de conhecimento quando trata-se de sexualidade e envolve a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno.

Ao ver atitudes de professores da educação infantil, percebe-se que os tabus ainda existem, é preferível que fechem os olhos para a realidade de algo que a criança trás desde o nascimento, que não é vulgar e nem será influenciado ao sexo. Trazendo como consequência desses tabus e preconceitos desde a infância, de não saber como lidar e da falta de explicação e orientação sobre o tema, tanto da família, como da escola, vemos a gravidez na adolescência, doenças e etc. (Elaborado na pesquisa).

Pode-se afirmar que a teorização elaborada fez avançar as proposições apontadas por Silva (2015) e ampliam em muito as possibilidades da utilização da metodologia GT na geração de teorizações sobre a sexualidade na infância que apoiem formações continuadas para professores(as), estagiários(as) de licenciaturas, coordenadores e gestores da unidade escolar, bem como, mães e pais.

Considerações finais

A problemática da pesquisa é respondida com uma teorização breve que identifica alguns pontos fundamentais sobre a sexualidade na infância, com destaque à limitação da compreensão de mães e professoras quanto à sexualidade infantil, apesar de constatarem a realidade das manifestações sexualizadas das crianças. E, ainda, na consideração desta limitação, o fato de reiterarem, principalmente, uma das professoras entrevistadas, que o tema da sexualidade é algo para o ensino fundamental e não para a educação infantil.

Para fins da resposta à problemática da pesquisa vale também o apontamento de que as pesquisas indutivas, sob a GT, exigem um “final” diferente das pesquisas dedutivas, como apontam Charmaz (2009) e Silva (2019). Nesta forma “outra”, na *Grounded Theory* (GT), as considerações finais se operacionalizam na forma de um checklist. Esse checklist procura responder à pergunta ampla da pesquisa organizada sob a GT, através de quatro itens ou “critérios” (CHARMAZ, 2009), já comentados nesse texto, quais sejam: credibilidade, originalidade, ressonância, utilidade. Passa-se, agora, a cada um destes critérios que podem também estar incluídas no Relatório Final da Teorização, no formato de “Amostragem Teórica”, como propõe Silva (2019).

Sobre a Credibilidade: a pesquisa trouxe várias questões que se fazem pensar sobre as manifestações da sexualidade infantil na escola e na família em que o despreparo de mães e professoras é evidente ou, talvez, a “desnecessidade” ou “preferência pelo silenciamento” sobre a questão. Ainda hoje, século XXI, o assunto sobre sexualidade na infância assusta mães e professores; o despreparo, além de ser cultural, vindo, geralmente, de pais, que não tiveram ensinamentos e valores sobre seu corpo, se institucionaliza nas práticas e nas percepções. Quase sempre, quando pais, em casa, escutam ou veem um dado tipo de manifestação da sexualidade de seus filhos infantis, correm à escola, para “reclamar”, associando essa ação tão natural e intrínseca ao humano, como algo imoral, “a-religioso”, culpando a professora que “não viu” e exige maior “cuidado” sobre estas manifestações sexualizadas.

A pesquisa permite se perceber e se detectar que mesmo mães com uma formação em ensino superior não sabem como lidar diante de manifestações da sexualidade, vinda das crianças. A credibilidade se percebe e se firma, assim, no diálogo com a literatura, do despreparo docente em sexualidade humana, bem como, dos pais. E aqui está o grande contraditório da “ideologia de gênero”: qual a família e como esta família vai “educar” em sexualidade seus filhos(as)? Este tema, sem dúvida, é potencial para um novo outro artigo, inicialmente desenvolvida por Silva (2015).

A originalidade se atesta, fundamentalmente, na teorização que se estrutura sobre os dados da pesquisa. Através das entrevistas se estabeleceram conceitos novos, que, embora não aprofundados, estão em contínuos estudos pelos pesquisadores, em especial, os Memorandos sobre idade certa para se tratar de sexualidade humana na educação infantil.

A ressonância explicitada na teorização estabelece a evidência de um conjunto de dados que tiveram uma articulação com a literatura, envolvendo a área da sexualidade infantil. A “surpresa” dos pesquisadores diante dos dados relativos a desconhecimentos sobre sexualidade humana e desprezo às naturais manifestações de sexualidade das crianças fez pensar que os desafios sobre o ensino-aprendizagem da sexualidade humana estão para além

da escola-currículo e do ambiente familiar educativo, repousa do despreparo de profissionais, resultante de cursos de formação que também são silenciosos nos assuntos da sexualidade. Em relação às mães há um grande desconforto em falar do assunto sexualidade.

Assim, é que se pensa que a ressonância desta pesquisa está também dirigida na possibilidade de um trabalho amplo e mais explícito, seja de extensão ou de pesquisa universitárias ou, talvez, de práticas de educação popular, fora dos espaços escolares, em que possa ser levada a temática da sexualidade infantil, de forma dialógica, não conflituosa (aquela que está mais próxima ao ódio do que do respeito) e, portanto, mais próxima da cientificidade. As oportunidades pelas lides em tempos de pandemia COVID-19 são tempos-espacos propícios para estas ações na educação infantil.

A utilidade desta pesquisa se caracteriza como um suporte, ou, indicadores à família e à professores, para que, pelo menos, inicialmente, se comece a refletir melhor sobre a sexualidade infantil no espaço escolar e familiar, a partir de teorizações como esta, que se utiliza da metodologia GT.

Desta forma, a pesquisa, produziu um referencial interpretativo sobre a sexualidade infantil, apontando categorias importantes para serem aprofundadas na continuidade da mesma com aplicabilidades de intervenções formativas para pais, mães, professores(as) e gestores(as).

Cabe destacar, nesta consideração final, que pesquisas sob a GT, na graduação, seja para Trabalhos de Conclusão de Curso ou Iniciação Científica são importantes para o avanço do conhecimento e os estudos teórico/aplicativos em Educação Sexual, visto que produções sob cunhos teóricos, ensaísticos não são muito bem aceitos na área da educação, em geral. Estudos como esse e sob esta metodologia que veem a sexualidade humana como um conhecimento científico de “Direito” desde a infância permitirá que os altos índices de abuso e violência infantis, por exemplo, comecem a ser eliminados (SILVA, 2015) e, desta forma, pais e mães se conscientizem que a escola, os professores(as) e os pesquisadores em Educação Sexual não são inimigos sociais como reproduzem os fake news; ao contrário, são profissionais preocupados e ocupados com a cidadania plena e libertária, diversa e justa.

São, enfim, estudos como este, sob a GT, de impacto em tempos de tantas incertezas e tantos “desprotegmentos” às crianças, sobretudo, em plena pandemia, reclusas em casa, junto a seus opressores. Quanto mais consciência política em sexualidade humana, desde a infância, mais afetuosos(as) seremos e mais humanos. As teorizações com a GT em sexualidade infantil e educação auxiliarão a formulação de políticas públicas e, antes de tudo, de práticas formadoras desde os estágios, nas licenciaturas.

Referências

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**. Guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CLARKE, Adele E. Situational analysis – grounded theory mapping after the postmodern turn. **Symbolic Interaction**, 26, n. 4, p. 553-576, 2003. Disponível em: <
<https://www.jstor.org/stable/10.1525/si.2003.26.4.553?seq=1> >. Acesso em: 30 nov. 2020.

CLARKE, Adele E. **Situational analysis**: grounded theory after the postmodern town. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

CLARKE, A. E.; FRIESE, C. ; WASHBURN, R. **Situational Analysis in practice**. Mapping research with Grounded Theory. Walnut Creek: Left Coast Press Inc., 2015.

CORBIN, Juliet.; STRAUSS, Anselm Leonard. Grounded Theory Research: procedures, canons and evaluative criteria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, p. 3-21, 1990. Disponível em: < <https://med-fom-familymed-research.sites.olt.ubc.ca/files/2012/03/W10-Corbin-and-Strauss-grounded-theory.pdf> >. Acesso em: 30 nov. 2020.

COSTA, Elis Regina; OLIVEIRA, Kênia Eliane. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Itinerarius Reflectionis**, v. 7, n. 1, p. 15 -16 2012. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20332> >. Acesso em 27 mai. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (org.). **Educação Sexual**: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 129-140.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula**. Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação**: ensino e Sociedade, Bebedouro (SP), v. 1, n. 1, p. 89-104, 2014. Disponível em: < <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074026.pdf> >. Acesso em 27 mai. 2020.

SILVA, Claudionor Renato da. **Proposta teórico-interpretativa em sexualidade infantil: contribuição à educação sexual a partir da Grounded Theory**. 2015. 341f. Tese – Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, FCLar, Araraquara (SP), 2015.

_____. **Grounded Theory**: a abordagem construtivista para pesquisas em educação sexual. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.

_____. Educação Sexual, CT&i: um breve estudo teórico e uma proposta de aplicação. **Temas em Educação e Saúde**, v.16, n.1, jan./jun. 2020. Disponível: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/13532> >. Acesso em 27 mai. 2020.

STRAUSS, Anselm. **Qualitative analysis for social scientists**. New York: Cambridge University Press, 1987.

Claudionor Renato da Silva, Maria Ivonete Lins.

STRAUSS, Anselm.; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research**. 1.^a ed. London: Sage, 1990.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a *Grounded Theory*?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.